

# GESTOS DE SILÊNCIO



**Costa Brites**

**AVEIRO**  
**Abril | 2001**

# ***Gestos de Silêncio***



**Costa Brites**

**2001**

**UNIVERSIDADE de AVEIRO**

*gestos de silêncio e lentidão  
âncora mais escondida do coração liberto  
vento que sopra sem que se descomponha a toalha sobre a mesa  
e sem que se desfaça o anel no teu cabelo*

*viajo devagar como a seiva nos ramos ainda despidos pelo inverno  
na corrente dum largo rio me deleito  
e não é na sôfrega respiração dos peixes  
nem no piar estridulo dos pássaros  
que cumpro a dimensão desta jornada*

*descubro enfim a posição ideal  
de colocar as mãos abertas sobre o livro  
e as colunas que suportam meu olhar  
solidificam-se como o alicerce imperecível das montanhas*

*escuto e acerto o bater do coração  
pela água que canta ao sair das fontes  
não chego nem parto  
se dentro de mim se detém o sol por um instante*

*se eu pudesse desfolhar-me assim  
como se despem as árvores  
e renascer na primavera em ramos novos  
se eu pudesse entender-me todo  
partícula por partícula  
estudar o percurso da linfa*

*o composto do sangue  
desfibrar os músculos decifrar o mistério do olhar  
recuperando a pele acetinada das crianças  
o cheiro atrevido dos rapazes  
o calor apoquentado das moças novas.  
começo apenas  
a desmontar as peças deste relógio obscuro  
tirando o pó  
apertando as rodas  
oleando o engenho  
calibrando os pesos*

*começo  
despindo a manhã dos véus serenos com que se oculta  
esquecendo o estrondo do gelo  
os códigos saturados de letras  
e as crianças desajeitadas que atiram pedras*

*da modesta bagagem já nada verdadeiramente importa  
do livro vou tirando as folhas que lanço à água  
e viajam rio abaixo  
com palavras que o mar não lê*

*pensando nestas coisas respiro fundo  
imaginando-me à varanda do infinito*

*primavera / 17 de março de 1994*



## **A condenação à liberdade em Costa Brites, ou O solilóquio do nadador**

Embora o homem seja um ser contingente, condicionado pelos mais diversos acasos, sem oportunidades iguais logo desde o berço, ele é tido como ente livre. Jean-Paul Sartre, imanência e essência à parte, afirma mesmo que o homem está condenado à liberdade.

Se o exagero dos fatalistas, estóicos ou não, fere a razão e a sensibilidade, já o determinismo de Alain nos parece mais ponderado e realista. Diz o filósofo que: *o determinismo está para a liberdade como a água está para o nadador*. Poder-se-á afirmar que a água significa um conjunto de circunstâncias: hereditariedade, ADN, habitat, meio social, familiar, cultural, etc.

Costa Brites, que dia a dia soube conquistar a sua independência intelectual, por imperativo interior e em ambiente doméstico exemplarmente favorável, senhor de sólida cultura, vive e cria poesia e arte de grande qualidade. Uma e outra. De pessoa simples que se considera, torna-se, para quem o conhece e entende, personagem de muito interesse e alto mérito.

A presente mostra, constituída por três grupos ou núcleos de trabalhos, é o resultado da liberdade, do sonho alado e da fantasia sem limites do autor. Entra-se, assim, num mundo surreal, de um surrealismo sem sombras do *déjà vu*.

O primeiro grupo, a grafite e acrílico sobre tela, é o mais discreto porque se compraz e se cumpre na suavidade de tons cinza, verde claro e amarelo. Obras conceptuais, geometrias inesperadas, riqueza de símbolos e não alegorias de retórica, emoção que o criador sente, mas nos oculta.

O conjunto seguinte assente em estruturas idênticas, embora a policromia característica da paleta do artista, com azuis, violetas, amarelos e verdes cause maior impacto visual no espectador.





O último grupo consta de telas não emolduradas, susceptíveis de enrolamento, à maneira das pinturas chinesas da dinastia Sung e que ainda hoje, na origem, continuam a ser produzidas em larga escala. Reforçando a originalidade, estes painéis incluem uma ampla cercadura ao longo da qual se distribuem sínteses pictóricas que representam pormenores estilísticos da sua fase actual. Mais uma vez o perfume da China com os *objectos preciosos* e *emblemas búdicos*.

Sempre em senda onírica e apuro técnico próprio de quem não pactua com a displicência oficial.

A gramática adoptada baseia-se no rigor do desenho onde surgem ângulos de velas desfraldadas, de capas de livros sem folhas palradoras, escamas dorsais de dinossauros e dragões, dentes de barracudas, troncos e ramos nus, podados, de árvores petrificadas, mecanos, escadas, portas faraónicas violadas e despertadas de profundo sono milenar.

Na atmosfera de austeridade, os sinais de vida resumem-se a uma ou outra flor, girassol recortado, rosto de mulher-estátua sem feições denunciadoras de sentimentos, e estranhos pássaros estelares, como robots, fénices imortais, tudo de papel como as pombas de Unamuno. Segundo o autor, essas aves *denunciam a presença substancial do vento*.

A obra tão pessoal, tão invulgar de Costa Brites, feita no e de silêncio, traduz um solilóquio, ou melhor, dianóia que é o diálogo da alma consigo mesma. Dialética interior, o discurso da transcendência, cheio de poesia, de símbolos que requerem descodificação para serem identificados e assim se converterem em mensagens.

Composições certas na colocação dos elementos figurativos e abstractos são, afinal, a metonímia destemida e ambiciosa do universo.

*Telo de Morais, Abril de 2001*

Costa Brites — mãos que fazem algo de útil, que mergulham nas profundezas do ser e, dali, extraem uma fonte de alerta e de receio. Quando alguém representou um anjo com asas, talvez se tivesse equivocado: é com as mãos que se sobe ao céu!...

Obra digna de respeito, porque de natureza eminentemente criadora. Pode ser dura, mas nunca absurda, pois afasta as enormes montanhas que dissimulam a luz para além delas.

Uma filosofia cósmica, uma paixão pelo mundo em movimento, um interrogar permanente sobre o porquê dos acontecimentos, um certo sentir de exílio e um rumo de pequenas/grandes verdades fazem de si aquele Homem unificado que vai ao extremo da sua procura.

Em Costa Brites descobrimos o olhar sempre remoçado para as coisas, que projectam longe no entendimento do passado e muito mais longe no discernir dos futuros.

Artista contemporâneo do porvir, admira as convicções fundidas na alta temperatura do espírito mensageiro e aborrecem-no as toadas rebatidas da cultura dos anacronismos.

O seu *surrealismo* não radica em devaneios oníricos ou na infraconsciência. Entra no fantástico que não convida à *evasão* mas, antes, a uma autêntica *adesão/invasão*.

Genuíno acto de criação, mesmo que com fugas para o irreal — nenhuma faculdade do espírito se afunda no ser e nele penetra mais do que a imaginação: é ela a grande mergulhadora.

Costa Brites inventa *uma natureza* ao contrário de a imitar, apegado ao chão e agarrado ao homem, pretendendo compreender e dar a compreender.







Melhor compreender é melhor aderir pois que, tudo o que se compreende estará senão certo, pelo menos, justificado.

Diria, com Nietzsche: ...*Man geht zugrunde, / Wenn man immer zu Gründen geht...* (... Vai-se ao fundo, / quando se quer chegar ao fundo...)

*José Machado Lopes, Abril de 2001*

*(Arqueólogo)*

## **Palavras em elogio da arte ou Rol de algumas coisas precisas à juventude**

Tempo para viver a toda a pressa enquanto a vida parece uma coisa que não termina nunca, uma estrada que se abrirá sempre para novos caminhos;

Tempo para desejar todas as coisas aventureosas e empolgantes, comparáveis em dimensão e volume com a casa dos nossos sonhos;

Tempo para dar a mão a alguém que nos estenda a sua, com aquele entusiasmo livre das atitudes sem cálculo que são emblema da juventude;

Tempo para ouvir as vozes que chegam de além do silêncio;

Tempo para fixar o brilho do olhar que nos mira através de toda a escuridão, do lado de lá da cortina do mistério;

Tempo para olhar todas as coisas e apreciar nelas aquilo que pertence ao raro país da inteligência sensível e da beleza poética;

Tempo para entender que qualquer gesto, por mais simples, pode ser algo sem valor nem apreciação nem proveito mas que, se lhe for acrescentado o sentido da beleza e do bom gosto, perdurará como lembrança viva e crescerá no coração como uma árvore frondosa de generosos ramos.

*Costa Brites, Abril de 2001*







## Nota biográfica

Em Leiria, onde fez estudos secundários, foi discípulo do pintor Jorge Valadas e do escultor Narciso Costa, cuja sensibilidade e bom gosto muito o influenciaram.

1965 — obtém diploma de guia-intérprete. Estuda História da Arte, Arquitectura e Artes Decorativas (azulejaria, entre outras) e viaja bastante, o que alicerça o seu gosto pela Arte.

1968 — Inicia nos Açores a sua carreira de funcionário do Banco de Portugal. Inserido no meio cultural do Açoreano, nessa altura particularmente estimulante e aberto, começa aí a sua carreira artística (pintura e jornalismo). Relaciona-se e colhe ensinamentos de pintores como Tomás Vieira e Rogério Silva, do Escultor Canto da Maia, de escritores como Armando Côrtes-Rodrigues (amigo de Fernando Pessoa e participante do movimento da revista Orfeu), Dias de Melo (para quem faz uma capa) e outros. Expõe individual e colectivamente em várias ilhas do arquipélago.

1971 — Em Coimbra, relaciona-se com a pintora Túlia Saldanha, dirigente do CAPC, com quem prossegue a aprendizagem de técnicas da pintura. Faz artes gráficas e ilustrações, cenografia e pinturas para o teatro declamado, de fantoches e de ballet.

1980 — Abre um ciclo de novas exposições que tem por tema a paisagem urbana, numa formulação próxima do surrealismo, com o intuito de questionar o espaço da cidade como território de interioridade poética e convivencial. Durante esse ciclo expôs com regularidade, editou litografias encomendadas por várias entidades e recebeu encomendas diversas como a que lhe foi feita pelo Banco de Portugal que documenta as suas agências pelo país.

1990 — Tendo-se reformado do B.P. dedica-se, a partir desta data, exclusivamente, às artes plásticas.

1991 — Como bolseiro do *Goethe-Institut* visita a Alemanha, tendo exposto individualmente na galeria de uma entidade bancária.

1993 — Encerrado o ciclo anterior com uma exposição na Galeria da Casa Museu da Fundação Bissaya Barreto em Coimbra – altura em que publica o seu trabalho escrito *Visualidades*, inicia um longo período de actividades diversas durante o qual se dedica à reflexão crítica, à escrita, à viagem e vivências artísticas, tendo como objectivo central a reformulação de todo o seu projecto de intervenção cultural.

A primeira exposição depois desse período teve a designação de *regresso aos Açores* por motivos de evocação cultural e realizou-se na Casa Municipal da Cultura em Coimbra, em fins de 1997.

A partir de então tem exposto individualmente (*A diagonal ascendente* nos serviços culturais da Câmara Municipal da cidade da Amadora, *O oiro e o vento* na galeria Minerva em Coimbra, *O olhar pensativo a convite dos Professores de Filosofia do Distrito de Leiria*, etc. ).

Tem dois trabalhos escritos a publicar: *Palavras ditas ao espelho* e *As Bibliotecas de Alexandria*, Frequentou o Curso de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e colabora com a regularidade possível no Diário de Coimbra com uma coluna de comentário artístico: *Conversas de pintor*, mediante a qual pretende solicitar a atenção dos leitores para um sector de interesses culturais aparentemente longe dos holofotes dos meios de comunicação.

Em 1999 foi contemplado com um prémio de poesia da Semana da Mostra Cultural da Reitoria da Universidade de Coimbra.

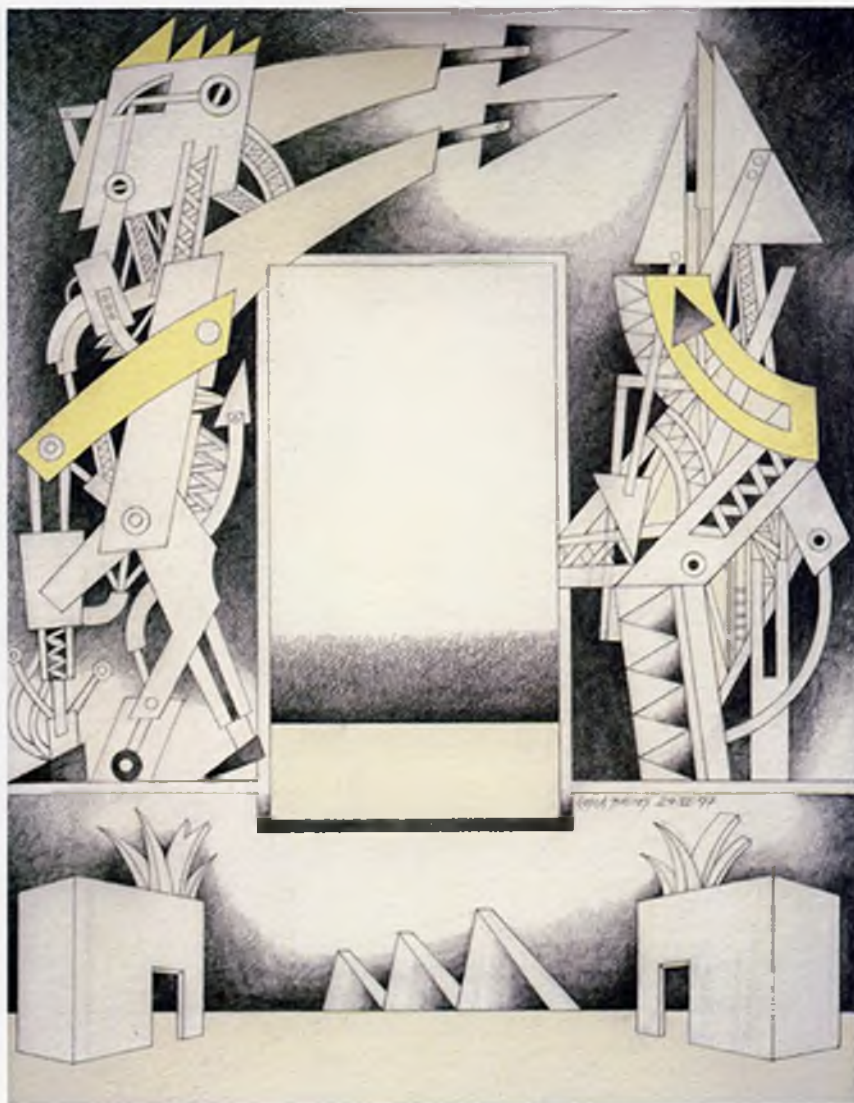
Dedicou-se à pintura de painéis de azulejos numa localidade com tradições histórico-artísticas nesse âmbito, o Juncal de Porto de Mós onde, no Sec. XVIII, se produziam os painéis que decoram um sem número de monumentos nacionais.

Integra de momento o grupo artístico internacional GALUART, com o qual está a expor regularmente.



## **Lista dos trabalhos expostos**

- 1 – Gestos de silêncio e lentidão
- 2 – O grito interminável das gaivotas
- 3 – Apenas te digo o oiro de uma palavra no meio da névoa
- 4 – Knossos de novo, ao meio dia
- 5 – Atravessaram o largo mar do silêncio
- 6 – As Claras cidades do Sul
- 7 – Floresta com espelho
- 8 – O meu palácio de príncipe que nunca fui
- 9 – A barca dos remos de esquecimento
- 10 – Vi o caçador levantar o Arco-Íris
- 11 – A cidade de obsidiana
- 12 – Entre pássaro e peixe, onde irá nascer meu coração?
- 13 – Metrópolis
- 14 – Essas majestosas e violentas palavras dos poemas
- 15 – Espelho meu, espelho meu
- 16 – Areia vermelha, a tua boca
- 17 – Encontrei a noite como uma pedra inclinada
- 18 – Anos e anos de viagem sideral
- 19 – Oriente e regresso
- 20 – Floresta voadora e lilás
- 21 – Floresta voadora e azul
- 22 – Aldeias inteiras cantando sua pureza
- 23 – Alice in wonderland
- 24 – Uma noite ingénua para quem canta
- 25 – Somente o meu silêncio pensa

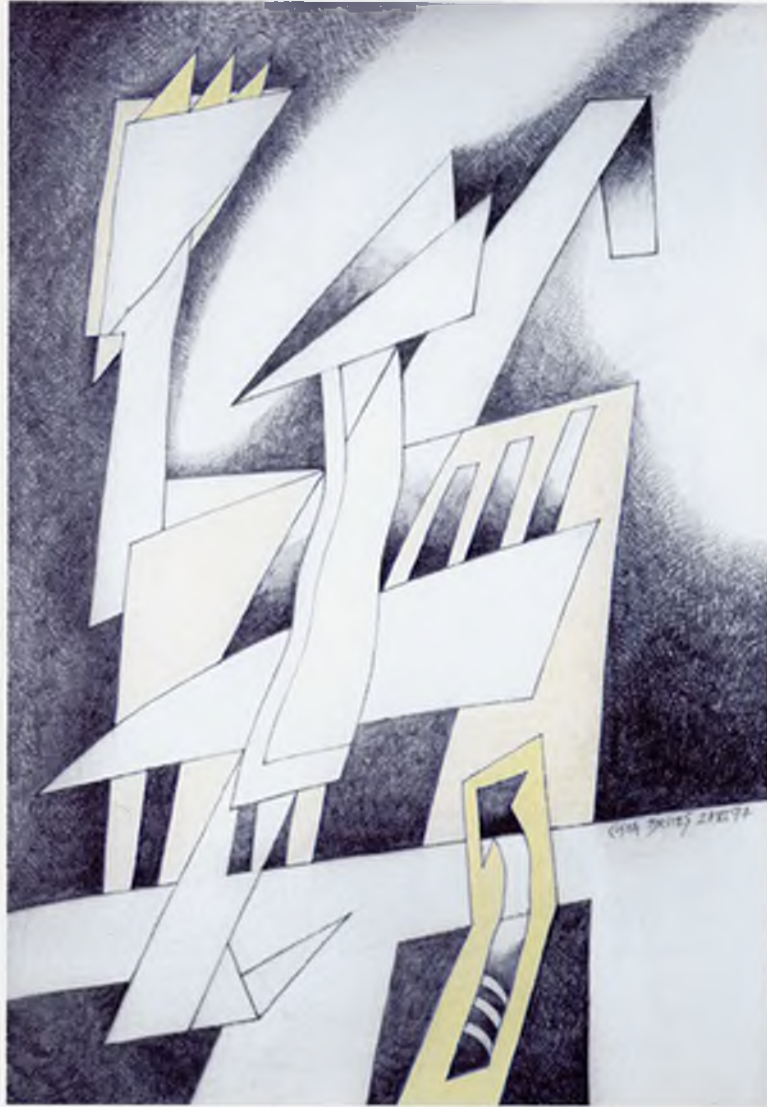


*Teus castelos ficaram esperando estar desertos*

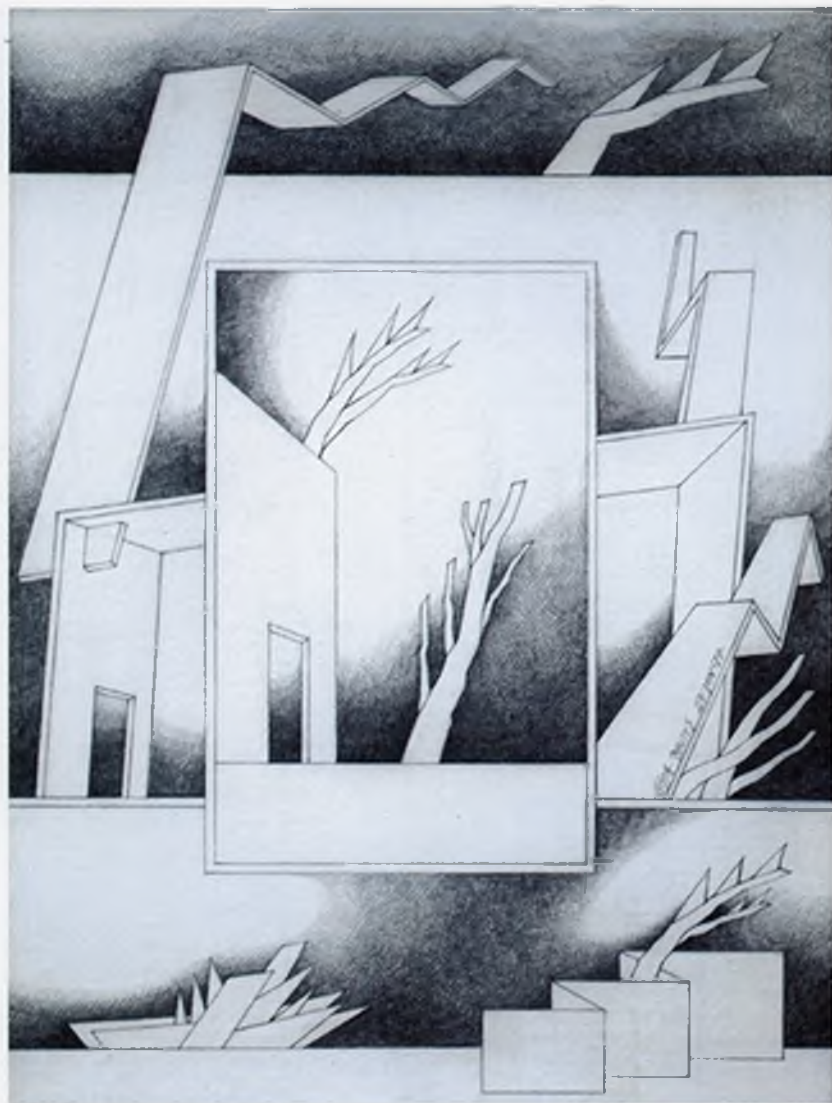




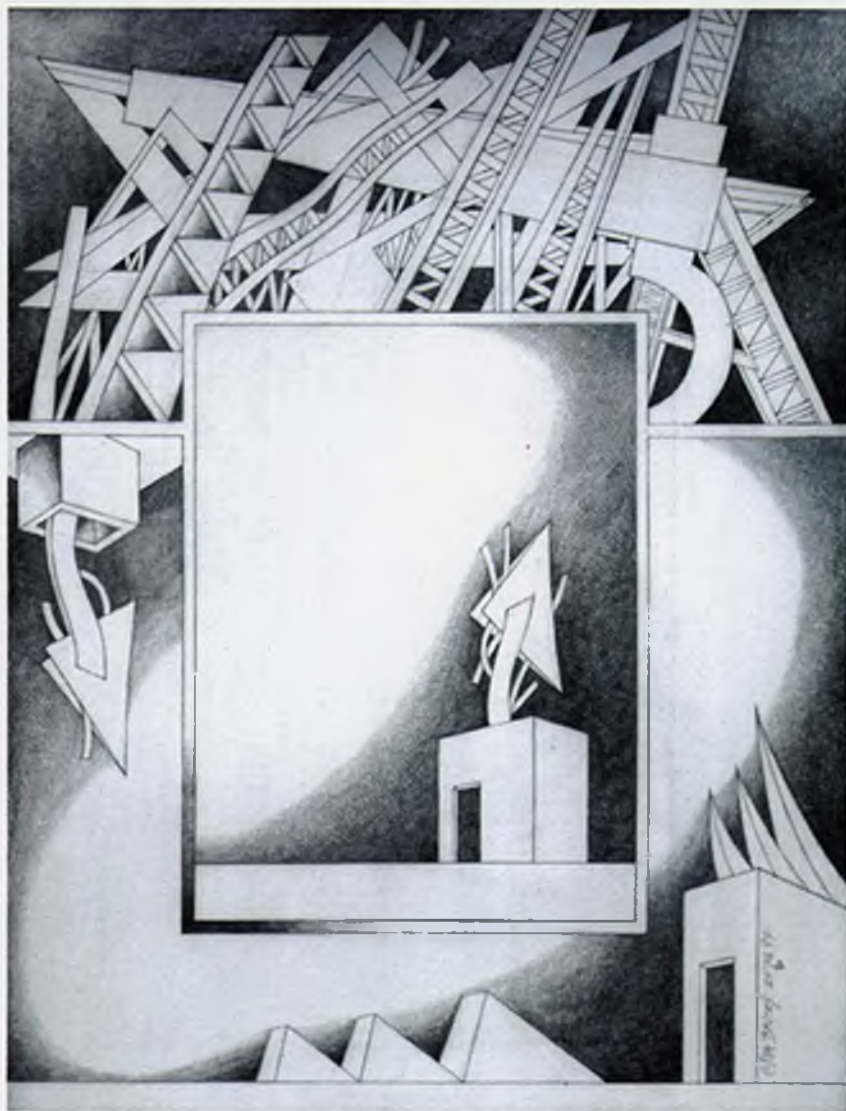
*Procurando outras asas que deslizam à flor da luz*



***Somente o meu silêncio pensa***



***O meu palácio de príncipe que nunca fui***



***Metropolis***





***A barca dos remos de esquecimento***



**Floresta voadora e lilás**



***O grito interminável das gaivotas***



*Apenas te digo o ouro de uma palavra no meio da névoa*





*O estrondo do gelo*

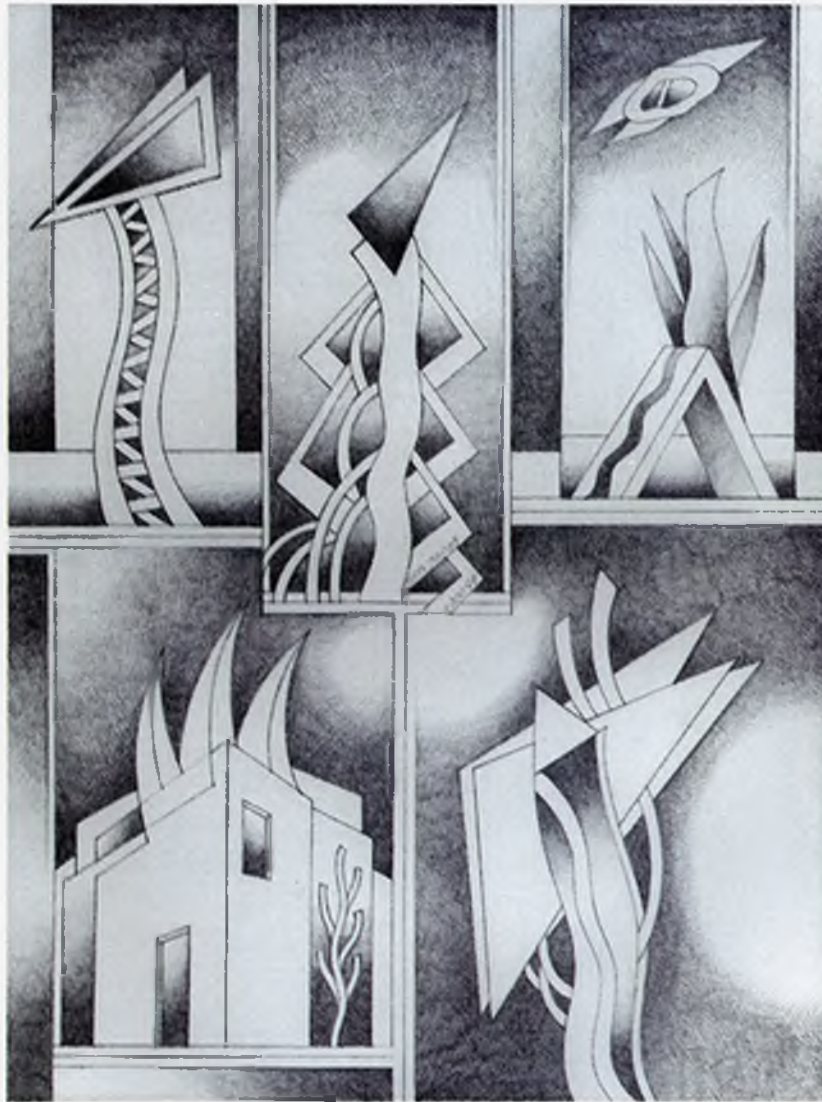


*Passagem para a Atlântida*



*A compulsão da escrita*





*As claras cidades do Sul*



***Catálogo da Exposição de Pintura GESTOS DE SILÊNCIO de Costa Brites***

***Imagem da Capa – Espelho meu, espelho meu***

***Universidade de Aveiro, em Abril de 2001***

***design | Gabinete de Imagem FJMM***

***José António Moreira***

***impressão | TIPAVE - Indústrias Gráficas de Aveiro, Lda.***

***depósito legal | 163298/01***



UNIVERSIDADE  
de AVEIRO



Fundação  
João Jacinto  
de Magalhães